



SEMEAR, CRESCER, AMADURECER E COLHER, OU QUANDO O SUCESSO É A NOSSA DERROTA

*Não se faz limonada com a ideia do limão.*

*Ditado Zen*

*Dharma para Yudhistira (in Mahabaratha)*

*D: Dá-me um exemplo de derrota...*

*Y: Uma vitória!*

Todos nós passamos por processos dolorosos e necessários ao nosso desenvolvimento, começando pelo acto de nascer, que requer uma fase de gestação, e ao acto em si de sair do ventre materno, que é frequentemente doloroso, tanto para quem nasce como para a mãe. Sofrer é portanto algo necessário quando ele não ultrapassa o nível do normal. Crescer é necessariamente um processo de cuidados e de aprendizagem, principalmente com os erros, que na realidade se mantêm, independentemente da idade e que culmina na morte. Nada disto nos é estranho e não descobri a pólvora mas a verdade é que nem sempre está presente em nós que o processo de amadurecimento, desejável mas nem sempre real, é o que permite a fase de colher os frutos da vida.

A vida de um projecto, que pode ser uma empresa, ou de uma Escola de Artes Marciais tem semelhanças profundas e inevitáveis pois as coisas que o homem, faz têm de reflectir aquilo que ele é, a sua natureza intrínseca.

Um dos erros comuns é a vontade de acelerar o que não pode ser apressado e de agir por entusiasmo, o que se pode caracterizar pela frase popular, dar passos maiores que a perna. Faz parte do entusiasmo da natureza jovem ser impetuoso, estar na fase fogo da vida, contrariamente ao que acontece com os mais velhos que estão na fase ar, mais etérea, espiritual.

É doloroso ver os outros cometerem erros que antecipadamente previmos, mas pouco se pode fazer do que aceitar, pois os conselhos se valessem não se davam, vendiam-se. Um jovem quase nunca ouve e atenta à experiência alheia, e quando isso acontece é raro que ele olhe em profundidade. Lembro aqui umas palavras que Fernando Pessoa, em um dos seus textos de reflexão diz: “Ser jovem é isso mesmo, é não ter ideias porque a idade não as fez chegar”. Claro que os jovens têm ideias mas aqui quer-se dizer “ideias” pensadas com base na reflexão profunda que a idade nos dá. Conheço jovens no entanto que são pessoas maduras, até certo ponto, e pessoas mais idosas que são imaturos, no entanto só isso não permite explicar tudo. O Ego é tanto maior quanto maior é a arrogância que algum tipo de saber, não nascido da experiência mas de uma existência baseada, em demasia em conhecimento intelectual, traz e que nos dá confiança onde devia haver cautela. Esperar o momento, sem pressa de colher, colocar as raízes bem fundo para que a árvore possa crescer em força e não seja derrubada na primeira tempestade, é fundamental. Podemos aqui encontrar não só a necessidade de definição de estratégias a curto e médio prazo como um aperfeiçoamento constante e autocorreção. Podemos aprender isso no Heiho e no método de gestão kaizen.



Quantas das vezes pequenos erros, simples e por isso facilmente ignorados, nos fazem dar quedas que levam tempo a recuperar, mais tempo do que aquele que levaria se fossemos cautelosos, indo colocando o pé suavemente, como acontece com algumas técnicas que se usa, sentindo o chão, vendo se ele não oculta um alçapão.

Outro erro importante é ficarmos ofuscados com sucessos aparentes que ao não serem devidamente abordados são a génese da nossa perdição ou de contratempos evitáveis.

Quando, em um projecto, damos a responsabilidade a alguém que é jovem e imaturo corremos riscos se a “trela” for longa. Nem sempre aquele que pode ser fogoso e bom guerreiro poderá ser o melhor para manter aquilo que se ganhou. Lembro aqui a história e o grande general cartaginês Aníbal que sendo um génio de estratégia para as batalhas era claramente um mau político e péssimo a consolidar as suas vitórias. Pagou o preço com a vida.

A arte de gerir as guerras ensina-nos que para cada momento teremos de escolher pessoas diferentes, as mais adequadas, para gerir as situações, com realismo e maleabilidade, de forma a podermos crescer sem demasiados percalços.

A idade tem me ensinado a, estar quando devo estar, a sair quando devo sair, mesmo que isso seja doloroso. Esperar que a experiência de vida nos dê uma experiência total é errado e é sempre bom ter em nosso redor pessoas que mesmo discordando (por vezes é bem preferível do que ouvir as “verdades” agradáveis) nos possam ajudar a elaborar os cenários possíveis, nomeadamente aqueles que são mais perigosos. Uma coisa a reter ... criem bons conselhos de guerra e preparem-se para a paz que é bem mais perigosa que os momentos de combate intenso, pois na paz muitas armadilhas o “inimigo” prepara longe dos nossos olhos. Onde está o inimigo? Dentro de nós.

Lisboa, 5 de Agosto de 2013